

O Mundo através da lente

Momentos do dia-a-dia numa região remota de Portugal

No início da pandemia de coronavírus, com restrições de circulação a nível mundial, lançamos uma nova série documental – O Mundo através da Lente – em que os fotojornalistas o ajudam a viajar, virtualmente, para alguns dos mais belos e intrigantes locais do planeta. Esta semana André Vieira partilha um conjunto de imagens de Portugal.

O Barroso, no norte de Portugal, faz parte da história da província de Trás-os-Montes – “Atrás os Montes”, em português arcaico. É uma das zonas mais isoladas do país, conhecida pelo clima rigoroso, terreno acidentado e por uma beleza estonteante. Os seus habitantes são, por vezes, desdenhosamente (e erroneamente) retratados como simples e pouco sofisticados. A verdade é que eles são profundamente apegados à sua terra e tradições, o que faz de Trás-os-Montes um local culturalmente único no país.

O isolamento fez com que as tradições fossem particularmente ricas e diversificadas. Os antigos rituais católicos combinaram-se com os vestígios culturais de muitos outros povos que, durante vários séculos, foram chegando à região: visigodos, celtas, romanos, os soldados do exército de Napoleão.

Para sobreviver nesta implacável geografia, os habitantes do Barroso desenvolveram, ao longo do tempo, um complexo sistema agrícola que assenta na gestão coletiva da água, das florestas e das pastagens utilizadas pelos animais. Este método ajudou-os a manter o solo fértil, os rios e as nascentes limpos e a paisagem imaculada.

Este é um sistema baseado na autossuficiência, aqui os habitantes comem o que cultivam, cozem o próprio pão (muitas vezes no antigo forno comunitário da aldeia), pisam as uvas das suas vinhas para fazer vinho e matam porcos para fazer enchidos e presunto – que defumam em cima da lareira da cozinha.

Em 2018, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura incluiu esta magnífica região na lista de Sistemas Agrícolas Tradicionais de Relevância Global. Foi dos primeiros locais da Europa a receber esta designação. O título foi uma injeção de moral para os habitantes, que beneficiaram deste novo estatuto, destacando os seus produtos amigos do ambiente e promovendo a região com uma localização privilegiada para o ecoturismo.

Sou do Brasil, mas o meu bisavô cresceu numa aldeia em Trás-os-Montes antes de emigrar para a América do Sul. Portugal, foi em tempos um dos impérios mais ricos do mundo, mas foi relegado pela história para a pobreza, sobretudo nas zonas rurais. Na busca de uma vida melhor, milhões de

portugueses emigraram para as antigas colónias e para os países mais ricos da Europa. Muitos desses emigrantes eram de Trás-os-Montes. No fim de 2017, farto de viver no pós-Olímpicos do Rio de Janeiro decidi mudar-me para Portugal, onde a fotografia passou a ser a minha forma de conhecer o país, que apesar de ser a origem da minha família, conhecia apenas superficialmente.

Quando li sobre a distinção desta região pelas Nações Unidas, percebi que era algo especial acerca das raízes da minha família, da qual não tinha conhecimento, e a perspetiva do meu trabalho como fotografo podia dar-me o privilégio de a explorar de forma mais profunda – o que fiz através de várias viagens até à chegada da pandemia de coronavírus.

A minha primeira paragem foi na aldeia de Vilarinho Seco, considerada um dos exemplares mais bem preservados da arquitetura tradicional do Barroso, com casas feitas de pedra rústica, muitas vezes com abrigos para os animais no rés-do-chão, com armazéns de granito ornamentado junto a eles, e com fontes de água pública alinhadas nas ruas a cada poucas centenas de metros. Vilarinho é uma das zonas mais altas do Barroso, cerca de 1000 metros acima do nível do mar, no meio de um planalto ventoso.

Um frio e húmido nevoeiro cobria o território na minha primeira visita, limitando a visibilidade. Vagueie pelas ruas da aldeia sem encontrar uma alma, até que ouvi a aproximar-se o som fraco de sinos a tilintar. De repente na névoa surgiu uma pequena manada de vacas, caminhando ordeiramente em fila em direção aos estábulos onde iriam para passar a noite. Em pouco tempo a aldeia encheu-se de vida, com os vizinhos a cumprimentarem-se, com as roupas molhadas e as botas húmidas, numa breve conversa antes de irem para casa sentar-se junto à lareira, jantar e assim terminar mais um dia de trabalho.

A primeira pessoa que conheci foi Elias Coelho, o patriarca de uma das mais antigas famílias da aldeia. Ele parecia ter alguma coisa a dizer a quem passa-se por ali. Não demorou muito a convidar-me para entrar em sua casa, onde tinha a lareira a arder e oslareiros com enchidos e presunto suspensos no teto.

“Aqui fazemos tudo em casa”, explicou orgulhosamente enquanto enchia o meu copo de vinho.

Agarrando-se ao seu braço como um coala estava Beatriz, a neta de dois anos, a habitante mais nova de Vilarinho Seco. A irmã de sete anos, Bruna, é a segunda mais nova. Não há mais crianças com idade próxima para brincarem, mas os mais velhos parecem terem a responsabilidade de cuidar delas enquanto passeiam livremente pelas ruas da aldeia.

“Aqui a vida era muito dura, muitos foram embora”, disse ele, lamentando o potencial perdido na aldeia e nas suas tradições. “Os jovens não querem o trabalho duro do campo”.

Covas do Barroso, que fica a 15 minutos de carro mais a sul, encontra-se a cerca de 600 metros acima do nível do mar. A arquitetura é similar à de Vilarinho Seco, mas a paisagem é muito diferente. A aldeia encontra-se junto a um vale, rodeada por florestas de pinheiros e carvalhos. Por ele corre um ribeiro e cada casa tem um pomar cheio videiras e diospireiros.

Beneficiando do isolamento, o Barroso foi poupado em grande parte da pandemia de coronavírus. Montalegre, um dos dois municípios que constituem a região, teve desde março pouco menos de 200 casos e uma morte. Por sua vez, Boticas, o outro município, não registou até novembro qualquer infeção. Encontra-se agora a lidar com um surto de cerca de 30 casos. A larga diáspora do Barroso, que regressa a cada verão, de todos os cantos do mundo, ao sítio que ainda chamam de casa, foi também afetada. Muitos continuam a vir, apesar de terem sido proibidas as celebrações que fazem parte da experiência: a partilha de comida e bebida, as festas da aldeia, os jogos tradicionais, músicas e danças.

A região enfrenta ainda outras ameaças. Em 2019, os habitantes de Covas do Barroso foram surpreendidos com a notícia de que uma empresa mineira tinha conseguido a autorização, dada pelo Governo Português, para a extração de lítio, nos montes à volta da aldeia. Outra empresa garantiu os direitos de mineração, perto da povoação de Morgade, a cerca de 40 minutos de distância.

Estas notícias tiveram uma grande oposição da população, o que obrigou as empresas a atrasar os planos e a criar um detalhado estudo de impacte ambiental dos seus projetos.

“O Governo está sempre a queixar-se que o interior do país está constantemente a perder população. Bem, fomos nós que escolhemos ficar e criar as nossas famílias aqui. Estamos aqui por escolha, não por falta de opções e agora vem ameaçar a nossa forma de vida”, disse Nelson Gomes, um dos responsáveis pela associação contra a exploração de lítio de Covas do Barroso.

“Eles falam dos postos de trabalho que serão criados, mas não percebem que serão muito menos do que os modos de subsistência que destruirão”.

O Sr. Gomes, amigo chegado de Paulo Pires que será um dos mais afetados, caso os trabalhos de mineração avancem, visto que o local de processamento do minério será construído a pouco menos de 500 metros da sua propriedade.

O Sr. Pires é um dos poucos habitantes de Covas do Barroso que cria ovelhas em vez de gado. Muitas das pastagens onde pastoreiam os animais são propriedade coletiva da aldeia ou estão localizadas nas encostas das montanhas, muitas das quais, segundo ele, podem ser afetadas ou destruídas pela mina.

Um dia, falávamos sobre a mina enquanto regressávamos com o rebanho para o barracão. À espera estavam cordeirinhos, um amontoado de lã aos saltos. O Sr. Pires espalha feno fresco no chão. Lá fora o céu estava a ficar roxo, o sol a pôr-se atrás das montanhas do lado oposto do vale – as montanhas que têm grande parte da quantidade de lítio da região. Depois de deixar as ovelhas dentro, veio para fora contemplar a paisagem enquanto a noite caía.

“A empresa de mineração ofereceu-me uma quantia ridiculamente baixa como compensação pela minha propriedade. Mas mesmo que fosse boa o que faria com ela?”, disse ele.

“Porque haveria de deixar um sítio como este?”.